

Capítulo 24 - DOI:10.55232/1084002024

**CRIANÇAS ÍNDIGO E CRISTAL: UMA VISÃO A PARTIR
DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL**

Virginia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

RESUMO: Este trabalho pretende tratar de um tema que gera interesse por determinado segmento da população, mas que também é polêmico para a comunidade acadêmica. Procura relacionar transversalmente as questões que estão associadas aos atributos socioemocionais de crianças da chamada Nova Era, denominadas Índigo e Cristal, às questões ligadas ao temperamento e personalidade infantis fundamentadas na psicologia do desenvolvimento humano, tecendo considerações quanto ao papel dos educadores no desenvolvimento dessas crianças. O estudo foi realizado por meio de levantamento bibliográfico sobre o que há publicado acerca do tema na literatura acadêmica nacional. Verificou-se que algumas pessoas identificam os principais aspectos das crianças da Nova Era no campo do conhecimento esotérico, mas não estabelecem relações com as características normais de desenvolvimento infantil fundamentadas pela psicologia. Conclui-se que existe uma forte tendência de mistificarem-se certos temas que acabem sendo supervalorizados pelo senso comum por não serem analisados à luz dos conhecimentos acadêmicos e científicos. **Palavras-chave:** desenvolvimento infantil, índigo e cristal, educação transformadora, Nova Era,

1 | INTRODUÇÃO

Entende-se por Era um período de tempo que se estende a partir de um acontecimento importante e que é tomado como ponto de referência cronológico, dando início a acontecimentos importantes que impactam em grandes transformações nas sociedades e nas culturas, como por exemplo, a Era Clássica, a Cristã, a Medieval entre outras. O movimento Nova Era, New Age ou Era de Aquário, não é um fenômeno recente, sendo constituído por uma complexa pluralidade de manifestações sincréticas místicoesotéricas em todo o mundo, desde há quase duas gerações. Lupi (2009) define a Nova Era como uma realidade imprecisa, sujeita a diferentes abordagens e interpretações cujo movimento, sob o ponto de vista espiritual, nutre-se de diversas influências religiosas sem, no entanto, constituir-se como uma religião em particular, mas concretizando-se por inúmeras realizações e doutrinas. Em sua vertente ocidental proliferou-se nos meios sociais em que os valores tradicionais são mais contestados, o que propiciou o anúncio de uma vida melhor a partir de uma visão salvacionista. Identifica-se uma maior popularização do movimento da Nova Era nas décadas de 1960 e 1970, como parte de várias manifestações da contracultura da época, defendendo e promovendo a contestação dos costumes ortodoxos da sociedade, da política e da religião. Baseados em princípios filosóficos e místicos, seus seguidores demonstravam o desejo de uma profunda transformação social com novos modelos de consciência moral, social e psíquica. Baseando-se em Oliveira (2009, p.40) destacamos como algumas das características desse movimento: a exigência de transformação e mudança no plano individual e coletivo como preparação para uma Nova Era; um otimismo radical que acredita que a humanidade está sendo introduzida em uma convivência abalizada na harmonia, no respeito às pessoas e ao planeta Terra; e uma tendência de não assumir as responsabilidades individuais, atribuindo-as a agentes externos – terrestres, ou não – ou mesmo ao plano espiritual. Segundo Oliveira (2011), o termo Nova Era remete a uma referência astrológica, situando o plano astral místico em relação às trajetórias planetárias e estelares. Considerando-se o percurso completo dos astros na abóboda celeste da Terra em um Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6 Capítulo 12 130 período de cerca de 2000 anos, atualmente estaríamos no limiar de um novo ciclo. Cálculos matemáticos indicam a variação do tempo do movimento do eixo terrestre em relação às constelações zodiacais, no entanto, há divergências entre astrônomos e astrólogos quanto ao início da Era de Aquário, para cuja constelação

estamos hoje posicionados. Assim, aos que acreditam na influência do zodíaco na vida humana, a presente Era seria assinalada pelas características do signo aquariano nas gerações nascidas ao longo deste período de transição, marcado por uma série de transformações e, especialmente, pela superação de polos historicamente antagônicos.

2 | CRIANÇAS DA NOVA ERA

Nas culturas ancestrais a água está relacionada à prosperidade e à harmonia, devido a abundância de alimento sob o ponto de vista dos ciclos anuais da natureza. Aquário, que na mitologia grega está associado ao aguadeiro, anuncia, portanto, uma era de progressos e melhorias na qualidade de vida. Aos que creem no zodíaco astrológico, Goodman (1998), em seu livro de quase quinhentas páginas sobre esse tema, descreve que indivíduos nascidos sob a influência da constelação de Aquário são notadamente percebidos como criativos, sociáveis e tolerantes. Destaca como principais características, dentre várias outras, a grande capacidade de compreensão dos fatos sob o ponto de vista humano, o altruísmo, a independência, a não aceitação da repressão social e o grande interesse pelas inovações. Lupi (2009, p.368) complementa que “a palavra chave ... é o ‘universalismo’ e a habilidade ‘um intelecto superior, preparando para os conhecimentos transcendentais’; a ‘nota básica de Aquário é a visão do futuro’”, completando que quando essa Era se estabelecer plenamente não haverá mais diferenças sociais ou raciais. Os seguidores do movimento da Nova Era, firmes em que o futuro da sociedade somente pode ser construído com uma nova geração de seres humanos, defendem o surgimento de um novo tipo de crianças, chamadas Índigo e Cristal, com traços distintos de personalidade, capazes de provocar tal transformação. Embora não tenhamos localizado no Brasil trabalhos de natureza científica realizados sobre tais crianças, alguns autores são comumente citados em publicações nacionais de diferentes naturezas, como por exemplo, Vecchio (2006), Jardim (2009), Carrol e Tober (2010), Simon (2010) e Cañete (2012). Na literatura internacional – pelo que foi encontrado até o presente momento, uma vez que não foi intenção principal mapear tais publicações – foram localizados alguns trabalhos que apresentam o tema sob uma abordagem investigativa principalmente voltada à área da saúde psíquica. Com foco no campo da educação, aqui destacamos Masters (2008), Trotta (2012, 2013), Yong e Arip (2015). Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6 Capítulo 12 131 A denominação Índigo e cristal está relacionada às respectivas cores da aura mística e às suas

particularidades. Por aura mística entende-se uma energia evolutiva imaterial, um campo bioenergético sutil que envolve o ser humano, capaz de provocar diferentes sensações em si mesmo e nos que o rodeiam. De maneira geral, as crianças Índigo se destacam por suas características de questionamento, contestação, inconformismo a regras arbitrárias, hiperatividade e dificuldades de atenção em modelos tradicionais de educação, tanto em contextos escolares como familiares. Quando adultas, são as verdadeiras agentes de transformação social. As crianças Cristal se destacam por características de maior sensibilidade, empatia, cooperação consciência e responsabilidade planetárias. Quando adultas, são a manifestação da evolução do gênero humano, tendo as Índigo como pioneiras nesse processo evolutivo da humanidade. Segundo Yong e Arip (2015) esse modelo conceitual Índigo e Cristal foi popularizado por Lee Carroll e Jan Tober em 1998, que passaram a influenciar vários outros autores na exploração sobre o assunto. Masters (2008; apud YONG e ARIP, 2015) construiu, a partir de sua tese de doutorado, um modelo de personalidade do Índigo com base em seus estudos e pesquisas. Segundo a autora, existem sete notáveis traços do Índigo: criatividade; alta consciência e sabedoria; autoimagem e autoestima positivas; rebeldia ou resistência contra tradições sociais; liderança e autoritarismo; pouca interação com indivíduos comuns; transtornos de atenção, hiperatividade ou do espectro autista; e intuição psíquica. Esses sete principais traços de personalidade não estão totalmente separados um do outro, podendo sobrepor-se de acordo com a situação. Como se observou, são poucos os estudos acadêmicos publicados pela literatura científica. Talvez seja essa a principal razão para que Vecchio (2006) afirmasse que uma nova geração de crianças tem surgido ao mundo “com um comportamento ainda não classificado pela psicologia”. No entanto, independente dos pressupostos epistemológicos que definem esses indivíduos da Nova Era, essa afirmação não pode ser tomada como verdade absoluta. A Psicologia, enquanto Ciência formalmente estabelecida, tem estudado o quanto o desenvolvimento dos indivíduos é influenciado pelo temperamento e a personalidade desde seus primeiros momentos de vida. Determinantes genéticos e fatores ambientais são os responsáveis pela construção e a constituição da pessoa que, em coletividade, compõe o gênero humano. Assim, apresentamos uma brevíssima compilação das principais concepções teóricas da psicologia que explicam o desenvolvimento social e emocional da criança, para estabelecermos relações com as, até este ponto, aqui apresentadas.

3 | DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL INFANTIL.

Alvarenga e Piccinini (2007) ditam que temperamento pode ser definido como um padrão inato e estável de reação individual em relação à reatividade emocional, motora e da atenção. Com bases constitucionais se expressa ao nascer e, como outras características do comportamento humano, é modificado pela ação do ambiente. Das várias dimensões que caracterizam o temperamento, destacam-se: nível e ritmo de atividade; reação a novas situações e pessoas (aproximação ou retraimento); adaptabilidade; intensidade e controle da qualidade e da reação emocional (autorregulação emocional); atenção–persistência e distraibilidade (autorregulação da concentração). Também são importantes as relações materno-paternas com a criança pois, se responsivas, não coercitivas, contingentes e reforçadoras, favorecem a construção da competência social desde o início de vida, favorecendo a autonomia, a assertividade e comportamentos positivos da criança, como empatia, altruísmo e cooperação. A personalidade é uma formação complexa do psiquismo humano, englobando emoções, vontade, traços de caráter e capacidades cognitivas. Esse sistema integrado por distintas funções psicológicas caracteriza a forma peculiar de cada indivíduo atuar no mundo. A base da personalidade é formada pelo conjunto de relações sociais que a criança desde cedo exerce com o mundo, pelas atividades que realiza com a mediação do adulto, aprendendo valores, atitudes e conceitos que irão moldá-la. Vigotski (VIGOTSKI, LURIA e LEONTIEV, 2010) afirma que, conforme se desenvolve, a criança é capaz de compreender acontecimentos e situações à sua volta e com isso relacionar-se emocional e cognitivamente de acordo com suas crescentes possibilidades, mediadas pelo domínio da linguagem. A teoria social-cognitiva (BANDURA, AZZI e POLYDORO, 2008) defende que padrões de comportamento socialmente aceitáveis são inicialmente aprendidos pela criança pela observação imitativa dos adultos, como um recurso interno de adaptação ao ambiente estabelecido. Ampliando sua socialização e ativando mecanismos de autocontrole internos, desenvolve processos de autorregulação aos padrões de conduta socialmente desejáveis, que lhe induzem a manter uma organização estável e integrada de suas ações. A construção do juízo moral, por Piaget (1994), explica que as crianças recebem influências diretas dos adultos quando ainda não possuem entendimento dos comportamentos esperados socialmente. Necessitam de regras para orientá-las, obedecendo-as ainda sem compreensão. Com o tempo, percebem que têm escolha por

meio de seu juízo, para a resolução dos conflitos de suas próprias ações com as dos outros. Completamos estas colocações com Martins e Branco (2001) que apontam a necessidade de uma abordagem teórica que trate o desenvolvimento moral por um enfoque mais amplo, integrando-se os aspectos socioculturais, cognitivos e afetivos. Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6 Capítulo 12 133 proporcionalmente. Assim, defendem ser possível e necessário um aprofundamento teórico e científico que amplie a compreensão sobre a complexidade do desenvolvimento humano, bem como a criação de metodologias que correspondam às exigências de uma sociedade em transformação.

4 | SOMANDO E AMPLIANDO CONHECIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL INTEGRAL.

Durante a elaboração deste trabalho foram encontradas algumas publicações dedicadas à integração da abordagem mística à pedagógica. A maioria dos autores sugere práticas transdisciplinares, dentre as quais Knaul (2011) que operacionalizou algumas ações para sua atuação como docente em uma escola alternativa. Trotta (2013), em um estudo mais elaborado, fundamenta e discute várias considerações sobre as necessidades dessas crianças diferenciadas, muitas vezes equivocadamente diagnosticadas como possuidoras de déficit de atenção, hiperatividade e até mesmo transtornos do espectro autista, propondo possibilidades de atuação pedagógica escolar para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A partir dessa e outras pesquisas, em especial a de Masters (2008), Yong e Arip (2015) elaboraram um inventário para facilitar a identificação de crianças Índigo pelos educadores, de forma que a escola possa melhor acolhe-las e atender às suas particularidades. O objetivo do estudo desses dois últimos pesquisadores foi contribuir com uma das políticas públicas promovidas pelo Ministério da Educação da Malásia que, em 2014, distribuiu bolsas para a capacitação e especialização de educadores voltada ao atendimento a crianças com altas habilidades, uma das principais características das índigo. Dias (2018), em seu estudo exploratório sobre o conhecimento geral de educadores a respeito de crianças Índigo e Cristal, verificou que mais da metade dos que responderam a sua livre enquete por uma rede social afirmou ter ouvido falar sobre o tema, enquanto mais de um quarto da amostra respondeu ter conhecimento sobre o assunto. Por outro lado, os mesmos profissionais não demonstraram conhecer o suficiente sobre os fundamentos teóricos

básicos a respeito do desenvolvimento social e emocional infantil. Ainda que os resultados não possam ser generalizados devido à metodologia utilizada, abriu-se um espaço para ampliar as discussões sobre as relações entre os dois assuntos. Não é incomum constatarmos em nossa trajetória acadêmica e profissional quantas lacunas estão presentes na construção dos conhecimentos necessários ao exercício da função docente. Ainda existe muito desconhecimento e desinformação entre os professores para a realização de um trabalho de extrema responsabilidade, já que a escola tem acolhido crianças cada vez menores. Ainda que haja defensores da ideia que remete apenas à família a educação de valores morais à criança, não se pode eximir da escola a responsabilidade pela Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6 Capítulo 12 134 ampliação desses conhecimentos para a formação plena e integral do caráter e da personalidade do indivíduo. O papel do professor é intrínseco no processo de promoção à socialização, canalizando e mediando diferentes formas de interação social, crenças e valores, favorecendo a compreensão e a interiorização do mundo humano pela criança. Os educadores escolares são os maiores promotores do desenvolvimento infantil, o que abrange aspectos cognitivos, emocionais, sociais além dos conhecimentos e informações necessários à sua adaptação e sobrevivência em sociedade, especialmente quando forem adultos.

CONCLUSÕES:

Não importando a origem ou o propósito do surgimento das crianças das novas gerações, incluindo as da Nova Era, deve existir uma preocupação pela sociedade não somente com sua identificação mas especialmente com sua inclusão. Esse fato não irá ocorrer se nos deixarmos levar pela lógica do senso comum que, perigosamente, pode ser influenciado pelos adeptos ortodoxos do movimento New Age. Se prestarmos atenção às características ídigo descritas pelos autores de tal vertente, constatamos que são o retrato da maioria das crianças que hoje conhecemos. É fato que as crianças deste milênio são diferentes das do passado, mas não por sua origem cósmica e sim pelo próprio momento de desenvolvimento social e tecnológico em que nasceram e cresceram. Crianças curiosas, contestadoras de regras arbitrárias, precoces intelectualmente, sociáveis e preocupadas com a sustentabilidade do planeta são inegavelmente diferentes das do passado, em que lhes eram atribuídas pouca ou nenhuma importância. Hoje, a esmagadora maioria de nossas crianças tem vez e voz e

fazem uso dessas concessões na maioria das culturas. De uma forma ou de outra, chegamos a um ponto decisivo nesta discussão: como as políticas públicas voltadas à educação estão favorecendo um novo modelo pedagógico, transformador de dogmas e práticas docentes arcaicas e ultrapassadas, que desconsidera as características das novas gerações de alunos. Quando, em desalento, constatamos que, apesar de estarmos cronologicamente no novo milênio ou, que seja, na Nova Era, as estruturas que regem a subsistência das escolas estão, no mínimo, com dois séculos de atraso. Como se tem dito, temos alunos do século 21 sendo conduzidos por professores do século 20, em uma escola do século 19 – desde sua estrutura arquitetônica até seus currículos e práticas didáticas. Podemos ter uma nuance de esperança com as propostas governamentais, nacionais e internacionais, ao novo enfoque dos currículos, voltados à formação de competências e não mais à acumulação de conteúdos. Algumas linhas pedagógicas ocidentais, como a antroposófica de Rudolf Steiner ou mesmo a humanista de Maria Montessori, buscam se aproximar de uma educação holística e integral. Novas Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6 Capítulo 12 135 propostas didáticas, com o uso de metodologias ativas e incorporação de tecnologias de informação e comunicação, acenam à possibilidade de maior protagonismo para a aprendizagem, em que alunos (no sentido etimológico da palavra) passem a ser estudantes aprendizes, conscientes e satisfeitos de seu papel. Como resultado do sucesso dessas tendências, aí sim poderemos começar a pensar na evolução do ser humano mediada pela escolarização. Retomando o tema inicial deste trabalho, tecemos algumas reflexões caminhando à finalização de nossas considerações. O surgimento misterioso de uma categoria de crianças capazes de transformar a humanidade apenas por suas características “sobrenaturais” é um sonho que muitos desejam. Mas, como poderiam essas crianças da Nova Era serem viavelmente incorruptíveis e imunes à sociedade cada vez mais complexa? Se nos remetermos à ideia basilar de Rousseau, em que os homens nascem bons sendo corrompidos pela sociedade civilizada, já temos um primeiro e forte referencial a ser considerado. No mesmo sentido, inúmeros estudos fundamentados na Ciência comprovam a influência do meio, desde os primeiros dias de vida da criança, em seu desenvolvimento biopsicossocial. Ignorar esses conhecimentos, atribuindo ao místico a responsabilidade da transformação social, não seria um desejo inconsciente de eximir-se da responsabilidade pelo desenvolvimento e educação das crianças desta era, que cada vez mais demandam e solicitam uma revisão nas formas de educar?

Finalizando, nos remetemos a Zaporóshetz (1987 apud BISSOLI, 2014), que sustenta a afirmativa de que o nascimento de cada criança representa a renovação das esperanças de homens e mulheres, pois nasce com ela uma nova oportunidade de alcançar a plena humanização do sujeito, assim como um desafio aos que se responsabilizam por seu cuidado e por sua educação. Cabe, portanto, aos educadores da família e da escola uma chamada às suas responsabilidades, como artífices de uma nova geração de pessoas com capacidade de ir além muito além ao desenvolvimento do potencial humano, por meio de uma consciência integral expandida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Patrícia; PICCININI, Cesar A.. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 314-323, 2007. Disponível em . Acesso em 20 jul. 2018.

BANDURA, Albert.; AZZI, Roberta. G.; POLYDORO, Soely. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BISSOLI, Michelle F. Desenvolvimento da personalidade da criança: O papel da educação infantil, **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.19, n.4 p.587-597, out./dez. 2014.

CAÑETE, Ingrid. **Crianças Cristal – A transformação do ser humano**. Porto Alegre: Besourobox, 2012.

CARROL, Lee; TOBER, Jan. **Crianças índigo 10 anos depois**. Trad. Sonia Augusto. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

DIAS, Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves. **Crianças Índigo e Cristal – Uma visão da psicologia educacional**. 2018, 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Unimetrocamp-Wyden, Campinas.

GOODMAN, Linda. **Os signos do zodíaco de Linda Goodman**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

JARDIM, Maria Antonia (coord). **Crianças índigo – Novas atitudes pedagógicas**. 2ª ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2009.

KNAUL, Ana Paula. **Contribuições de práticas transdisciplinares na educação de crianças índigo**. 2011, 113 p. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro Universitário de São José, São José.

LUPI, João. Nova Era de Aquário. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 364-375. Disponível em . Acesso em 18 jul. 2018.

MARTINS, Lincoln C.; BRANCO, Angela U. Desenvolvimento moral: Considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, mai./ago.2001, v.17, n.2, p.169-176.

MASTERS, Dahlia Diane. **Comparison of Self Actualization and Psychic Ability Between Selfidentified Indigos and Matched Control As Measured By The Personal Orientation Inventory, The Rhine Cards and Demographic Data**. 2008. Tese de Doutorado, Holos University Graduate Seminary, Jakson. Disponível em https://www.holosuniversity.net/pdf/MastersD_Dissertation.pdf>. Acesso em 18 jul. 2018.

OLIVEIRA, Amurabi. Nova Era e New Age Popular: As transformações nas religiões brasileiras. **Cadernos de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**. Florianópolis, v.12, n.100, p.65 – 85, jan/jul 2011.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

QUIROGA FERNANDEZ, María Elena; SERRUDO GUTIERREZ, Sonia Cristina; ALBERTO, Solíz Padilla. Niños indigo. **Rev. Arte y Ciencia Medica**, Sucre, n. 7, 2005. Disponível em . Acesso em 18 jul. 2018.

SIMON, Sylvie. **Crianças índigo: uma nova consciência planetária**. São Paulo: Madras, 2010.

TROTTA, Patrizia. The indigo phenomenon and the new generations – Are they symbolic of an emerging consciousness and paradigm? **International Journal of Arts & Sciences** v.5, n.3, p127 – 154, 2012.

TROTTA, Patrizia. **The potential contribution of psychosynthesis to education: an interview -based exploration of educators’ experiences of working with members of the ‘New Generations’ who are developing towards self - actualisation and self – transcendence**. Tese de Doutorado, Holos University Graduate Seminary, 2013. 386 p. Disponível em Acesso em 18 jul. 2018.

VECCHIO, Egidio. **Educando Crianças índigo**. São Paulo: Butterfly Editora, 2006.

VIGOTSKI, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexey N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem** (12ª ed.), São Paulo: Ícone, 2010.

YONG, Yuan Meng; ARIP, Mohammad Aziz Bin Mohamed. Development of Indigo Check List: The Concern of Malaysian Society for Needs of Indigo Children. **International Journal of Education and Research**, v. 3, n. 10, out. p. 23 – 34, 2015. Disponível em < <http://www.ijern.com/journal/2015/October-2015/03.pdf>>. Acesso em 18 jul. 2018.